

O povoado pré-histórico do Zambujal (Sesimbra)

João Luís Cardoso*

* Professor catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Resumo Publica-se o resultado das escavações arqueológicas, que se mantinham totalmente inéditas, realizadas no povoado pré-histórico do Zambujal (Sesimbra) por Gustavo Marques em Setembro de 1985, arqueólogo que foi também o responsável pela localização da estação arqueológica, em Julho de 1970. Esta, implantada no topo de um outeiro alongado, encontrava-se já muito destruída pela lavra de diversas pedreiras de calcário. Não obstante, foi possível proceder à abertura de escavação limitada, num istmo definido por diversas frentes de pedra, umas então ainda em laboração, outras já abandonadas. Os resultados afiguram-se importantes, por terem evidenciado, em estratigrafia, a existência de duas ocupações, caracterizadas pela tipologia das produções cerâmicas, uma reportável ao Neolítico Final, outra ao Calcolítico Pleno da Estremadura.

A realidade assim caracterizada foi comparada com a identificada em outras estações da região de carácter habitacional pertencentes às mesmas épocas, tendo em vista a sua integração em modelo de dinâmica social de carácter diacrónico, susceptível de explicar a ocupação de determinados sítios em detrimento de outros, no intervalo de tempo entre o final do IV milénio a.C. e o final do milénio seguinte.

Abstract The results of the unpublished archaeological excavations of Gustavo Marques on September 1985 in the prehistoric settlement of Zambujal (Sesimbra) are published in this study. He was the archeologist responsible for finding the settlement in June 1970. The settlement is located on the top of a long hill and was almost completely destroyed by quarrying activities. However, it was possible to conduct a small excavation, in a corner limited by different exploration fronts, some of them still active during the field works. The results are important because the stratigraphic evidence showed two levels of occupation based on ceramic typological evidence, one from Late Neolithic and the other from Middle Chalcolithic. They were compared with others from different settlements in the region of the same age, and integrated in the social dynamic model of diachronic character normally used to explain the strategy of occupation of certain sites in detriment of others, for the period between late 4th millennium and late 3rd millennium BC.

1. Introdução

Do estudo sistemático dos espólios arqueológicos conservados pelo Arq. Gustavo Marques, em resultado de pesquisas por si empreendidas ao longo das últimas três décadas do século XX na região de Sesimbra, em boa hora transferidos para o Museu Nacional de Arqueologia aquando do seu falecimento, têm resultado estudos realizados pelo signatário, que irão ter continuidade em outros, verificada que foi a entrega dos espólios arqueológicos sesimbrenses pelo referido Museu à respectiva Câmara Municipal, já no decurso de 2013. Tais publicações afiguraram-se importantes, por darem a conhecer escavações arqueológicas inéditas, mesmo ignoradas dos serviços oficiais, onde não se conservam quaisquer elementos informativos dos trabalhos realizados. É o caso do povoado pré-histórico do Zambujal, situado cerca de 1500 m a oeste do importante povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo, também identificado por Gustavo Marques, cujos espólios por ele recolhidos já foram objecto de publicação (Cardoso, 2009).

A presente iniciativa dá continuidade à publicação sistemática de materiais arqueológicos inéditos sesimbrenses, articulados em Projecto de Investigação que o signatário dirige com o apoio da Câmara Municipal de Sesimbra. Com efeito, os trabalhos de escavação de que resultaram os elementos que agora se publicam, não foram sujeitos a qualquer pedido de autorização junto do órgão de tutela (ao tempo, o IPPC), e mantiveram-se totalmente desconhecidos, tanto daquela instituição, como do público e dos especialistas. Assim, o pouco que do sítio tem sido referido em obras de síntese regionais, evidencia a falta de informação existente, baseada apenas nas escassas colheitas de superfície episodicamente realizadas (Silva & Soares, 1986).

Por outro lado, a presente publicação constitui contributo para o conhecimento do povoamento pré-histórico da região sesimbrense, bem como da sua respectiva dinâmica e condicionantes, numa perspectiva diacrónica, a partir das evidências de campo que pouco a pouco vêm sendo identificadas, como esta que agora se publica.

2. Localização

O povoado do Zambujal (ou Zambujal 1, como é designado por Gustavo Marques) localiza-se a cerca de 1,25 km a WNW do Castelo de Sesimbra, implantando-se no topo de um morro alongado constituído por calcários do Jurássico (“Lusitaniano” – J3), muito desfigurado pela lavra de pedreiras, hoje abandonadas, mas que, ao longo das últimas décadas, destruíram quase completamente a estação arqueológica. Com efeito, aquando da sua descoberta, já esta se conservava apenas residualmente, tendo Gustavo Marques sido condicionado à exploração de um estreito istmo, delimitado por frentes de diversas pedreiras que laboraram em várias épocas, algumas já então abandonadas, outras ainda então em exploração. Tratava-se de indústria de carácter artesanal, explorando, como ele próprio referiu, os calcários cinzentos de assinalável qualidade.

As coordenadas geográficas da área então escavada, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 464, são as seguintes: 38°27'19.40" Latitude N; 9° 7'17.09" Longitude W de Greenwich.

3. Historiografia das investigações e trabalhos realizados: estratigrafia e faseamento cultural

O povoado pré-histórico do Zambujal foi identificado pelo Arq. Gustavo Marques em 25 de Julho de 1970, nas condições que ele próprio descreveu: “...Eram cerca de 13 h quando regressámos ao carro (c/ Mário) [seu filho Mário Marques]. No regresso (de Pinheirinhos 1), como ainda faltasse uma hora para o encontro marcado com o Serrão resolvi dar uma volta pelo Zambujal (povoação disseminada pelos outeiros, que se dedica fundamentalmente ao trabalho de pedreira). Num outeiro que fica à esquerda do assento principal deste povoado vi umas terras escuras que me chamaram a atenção. Parámos o carro e para lá fomos. Recolhemos cerâmica eneolítica (um fragmento decorado), um frag.to de machado de diorito. De notável a ausência de sílex e a abundância de quartzitos lascados.

Temos portanto um novo povoado eneolítico, já bastante próximo do castro de Sesimbra, num alto, infelizmente muito destroçado pelo avanço

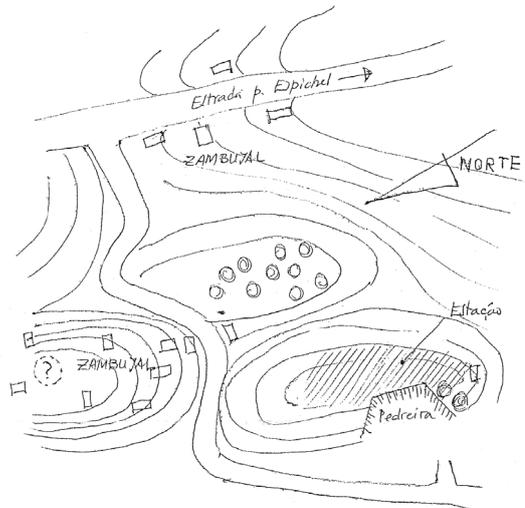
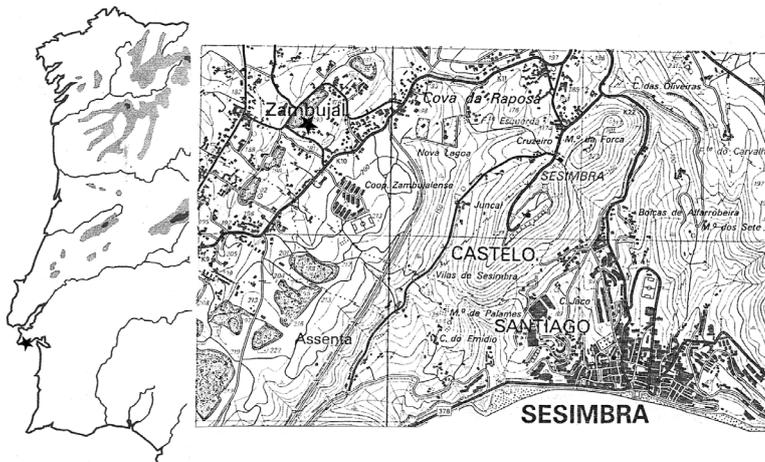


Fig. 1 – Povoado pré-histórico do Zambujal (Sesimbra). Localização no território português, na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (folha 464) e em esboço realizado por Gustavo Marques (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

Fig. 2 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Aspecto obtido aquando da sua identificação, por via da existência de estrato arqueológico no topo da frente de pedra. O local das escavações de Setembro de 1985 assinala-se com seta. Foto de Gustavo Marques, de 28 de Julho de 1970 (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

da pedra, que explora o belíssimo calcário cinzento local. Recolhemos alguma cerâmica (2 fragmentos de bordo). Deixámos o local às 14 h., depois de verificado em vários pontos o nível de ocupação pré-histórico. Numa manhã, dois povoados eneolíticos (+Pinheirinhos 1)”. Logo a 27 do mesmo mês, refere: “...De tarde fomos até Zambujal -1 e fizemos uma prospecção demorada para determinar os limites da estação; para sul, ainda há uma zona não atingida pela pedra, onde se poderá tentar uma escavação, embora a camada de ocupação que observei nos cortes da pedra raramente ultrapasse os 20 cm. No entanto seria importante recolher especialmente cerâmica. Percorremos bastantes terrenos à volta, sem materiais” (cópia do dos cadernos de campo, consultadas no Museu Nacional de Arqueologia em 2006). É deste modo desprezioso que se efectuou e descreveu a identificação do local, acompanhado da respectiva localização em esboço em traço livre (Fig. 1), feito logo no próprio dia da sua identificação, tendo as primei-

ras fotos sido realizadas a 28 de Julho (Fig. 2). O sítio, a partir dessa data, passou a ser objecto de visitas frequentes pelo seu achador, conservando-se nos seus apontamentos referências à estação ou aos materiais nela recolhidos em Agosto e Setembro de 1970 e Janeiro de 1972. Em Outubro de 1973 registou a estratigrafia, e anotou: “No planalto de cima, é possível encontrar-se ainda alguns retalhos do povoado, bem como entre os blocos de calcário aí ainda existentes e por baixo de alguns morouços de cascalho da exploração recente da pedra”. Em Julho de 1978, regressado ao local, regularizou a frente da pedra e registou de novo a sequência estratigráfica, cuja camada arqueológica possuía aproximadamente 30 cm (Fig. 3). De novo no Zambujal em 28 de Outubro de 1982, em companhia de João Pinhal, funcionário da Câmara Municipal de Sesimbra, verificou que a frente da pedra tinha já avançado mais um pouco, e tendo-se deslocado à parte mais alta do sítio arqueológico, onde os entulhos da lavra da pedra atingem quase 3 m de potência, verificou que a potência da camada arqueológica aumentava para cerca de 50 cm, tendo sido então recolhido por João Pinhal uma peça de rocha básica com sulco perimetral, que reproduziu no seu caderno, a par de outros materiais arqueológicos. Voltou em 2 de Novembro de 1982, para explorar uma nova zona cujo corte, visível da estrada principal que liga Santana ao Cabo Espichel, evidenciava camada arqueológica de terras escuras, assentes no substrato geológico, constituído por areias grosseiras avermelhadas com elementos de quartzo, cobrindo as bancadas inclinadas de calcário. Uma vez mais, registou a sequência observada, confirmando-

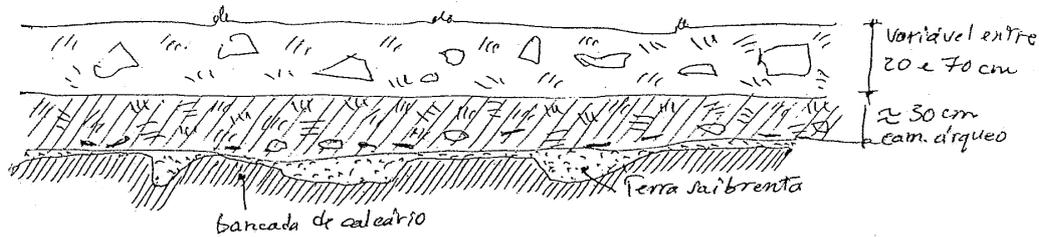


Fig. 3 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Estratigrafia registada por Gustavo Marques no decurso das escavações realizadas em Setembro de 1985 (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

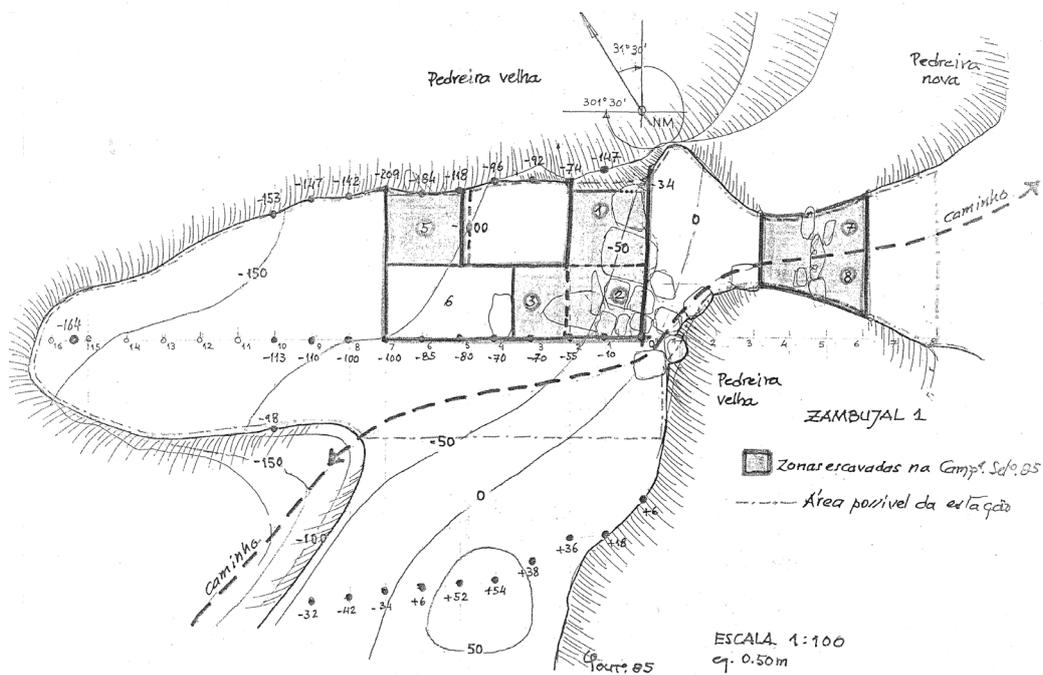


Fig. 4 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Localização da área escavada em Setembro de 1985 e distribuição dos respectivos quadrados. Planta esquemática de Gustavo Marques (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

-se que a camada arqueológica atingia 20 a 30 cm de potência, numa extensão de cerca de 3 m, o que permitiu, no seu entender, identificar o chão do povoado, pois este “define-se com fácil e constante evidência em toda a extensão hoje obtida. Acrescente-se que o achado de um “fragmento de cerâmica com decoração de folha de acácia, mesmo sobre o pavimento esclarece a cronologia da estação”. Esta observação é importante e vê-se confirmada pela representação do referido fragmento, pelo que o dito pavimento deve ser de facto dessa época, dado não se terem recolhido quaisquer espólios cerâmicos reconhecidamente mais antigos, cuja lavagem realizou nos dias seguintes. O local intervenção recebeu a designação de Sondagem Q1, correspondendo ao primeiro quadrado aberto na área arqueológica, e os espólios ali recolhidos foram objecto de sistemática reprodução por esboço, da sua autoria, que se conservam entre a documentação consultada. Os trabalhos de gabinete

prosseguiram em Dezembro, tendo havido reuniões com diversos funcionários da autarquia, sempre com João Pinhal servindo de elemento de ligação; numa delas, a 21 de Dezembro de 1982, visitou-se a estação e ponderou-se solicitar uma verba ao então IPPC, tendo em vista a realização de trabalhos arqueológicos, até porque se identificaram remeximentos na área antes intervenção, apesar da sua pequenez. A 7 de Fevereiro de 1983 a ideia de realizar uma escavação de emergência com financiamento do IPPC voltou a ser tratada com responsáveis da autarquia, que parece não teve seguimento, pois considerou-se necessário identificar os proprietários, obter autorização escrita dos mesmos, e realizar o levantamento topográfico do terreno, com recurso aos serviços da C. M. Sesimbra, o que não foi concretizado. Com efeito, a próxima referência à estação é do dia 10 de Abril de 1985, mencionando-se, com ponto de exclamação, a recolha por João Pinhal de bordos den-

teados na área arqueológica, o que permite concluir que, até então, tais produções não eram ali conhecidas, como se confirma pela ausência anterior de referências às mesmas. Com efeito, dos numerosos fragmentos cerâmicos desenhados em esboço por Gustavo Marques, resultantes das colheitas até então efectuadas, nenhum possui tais características, exceptuando-se os fragmentos recolhidos de vasos de bordo denteado à superfície por João Pinhal e que, tendo sido reproduzidos por Gustavo Marques, foi possível identificar com os apresentados na Fig. 8, n.ºs 8 e 10. Tais fragmentos ocorriam à superfície conjuntamente com outros característicos do Calcolítico Pleno, entre os quais um com decoração de cruzífera e outro com decoração incisa reticulada, também agora reproduzidos (Fig. 8, n.ºs 6 e 7). Em Abril de 1985, deu-se início à organização de Curso de Iniciação à Arqueologia e Património, também chamado de Curso de Preparação de Monitores de Arqueologia, promovido pela Câmara Municipal de Sesimbra, dirigido por Gustavo Marques, em que a exploração do sítio arqueológico conferiria competências práticas aos que nele participassem, a par de trabalhos práticos de prospecção em diversas estações arqueológicas concelhias; as reuniões preparatórias prolongaram-se pelos meses seguintes, tendo de facto sido realizada no Zambujal uma campanha de escavações em Setembro de 1985. Os trabalhos decorreram sempre da parte da tarde, tendo neles participado diversos jovens e, sempre de forma empenhada e activa, João Pinhal, que continuou como elemento de ligação com a Câmara Municipal. Nos dias 18 e 19, removeram-se a camada de entulho da pedreira e trabalhou-se no Q7 e no Q1 (Fig. 4); o nível arqueológico ocorreu a 60 cm de profundidade, atingindo-se o “pavimento do povoado” já anteriormente referido, onde se encontravam incorporados alguns materiais” (no barro do chão)”, destacando-se, pela abundância, a cerâmica. No dia 20, prosseguiu a escavação do Q7 e do Q1, neste último com Gustavo Marques a aprofundar a escavação até nível compacto, que atribuiu a pavimento pré-histórico. No dia 21, a escavação prosseguiu no Q8, tendo atingido o fundo, ocupado pelo já referido pavimento calcado; as cerâmicas ocorriam em maior quantidade, bem como no Q2, onde Gustavo Marques continuou os trabalhos. Em ambos os sectores definidos (Fig. 4), observou-se “razoável recolha de mat.s”. No dia 22, concluiu-se a escava-

ção do dito “pavimento” no Q8 e alguns membros da equipa passaram ao Q5, onde se recolheu um belo fragmento decorado com “folha de acácia” (Fig. 10, n.º 6), encontrado “a meia altura”; no fundo, recolheu-se um bordo denteado (Fig. 10, n.º 7), observação que já indicava o que a escavação do Q5 vira a confirmar, a existência de materiais cerâmicos do Calcolítico Pleno sobrepostos a outros, do Neolítico Final. Prosseguiu-se a limpeza do “chão do povoado” posto a descoberto no Q2, com a remoção da camada arqueológica nele assente, cuja potência variava entre 30 e 50 cm. Recuperou-se outro bordo denteado no fundo, que também forneceu, de acordo com o registo de Gustavo Marques, um bordo em “falsa folha de acácia”, que, a ser o exemplar reproduzido na Fig. 10, n.º 2, não corrobora tal atribuição. Trata-se, na verdade, de um bordo calcolítico decorado com o conhecido padrão em “folha de acácia”. No dia 23, concluiu-se a escavação do Q2 e prosseguiu a do Q5, só então marcado no terreno, que passou a constituir, na expressão do responsável, a “nova frente de escavação”. No dia 24, alude a nova recolha, no Q5, de um fragmento decorado por si atribuído à técnica decorativa em “falsa folha de acácia”, atribuição errónea como se deduz da análise dos respectivos materiais, reproduzidos na Fig. 10. No dia 23, delimitou-se o Q5, cuja escavação já anteriormente se tinha iniciado, e concluiu-se a escavação do Q2. Esta sequência permite confirmar que a técnica de Gustavo Marques consistia na abertura de talhões, a partir de frentes de escavação, mais ou menos irregulares, sem contorno bem definido, o qual só seria regularizado no decurso da própria escavação. No dia 24 continuou-se a recolher, no Q5, fragmentos de cerâmicas que continuaram a ser designadas como possuindo decorações em “falsa folha de acácia”. Na verdade, foi este o único quadrado dos escavados em que, conforme Gustavo Marques declara: “parece haver indício de estratigrafia: 2 pavimentos pelo menos. No inferior, cerâmica de bordos denteados. No superior, “falsa folha de acácia”. Ausência total de metal e raríssimo sílex.”. A descrição é clara e confirma a impossibilidade de os fragmentos encontrados no estrato superior poderem atribuir-se às produções neolíticas designadas “falsa folha de acácia”. Na verdade, tal como anteriormente se referiu, tendo presentes os fragmentos recolhidos neste qua-

drado e reproduzidos na Fig. 10, trata-se de produções claramente calcolíticas, com o clássico padrão em “folha de acácia”, obtido por impressão de uma matriz actuante perpendicularmente à superfície do recipiente a decorar, do que resultaram depressões elipsoidais profundas, de contornos bem definidos, ao contrário das produções neolíticas — designadas com mais propriedade “motivos em espiga” — as quais correspondem a incisões ou puncionamentos oblíquos e deslizantes de uma ponta romba. Aliás, o termo “falsa folha de acácia”, utilizado pela primeira vez na terminologia arqueológica por O. da Veiga Ferreira em 1969 (Ferreira, 1970), para diferenciar, como ele próprio expressamente indica, o padrão neolítico do calcolítico, deveria ser já do conhecimento de Gustavo Marques, atendendo à data desta sua intervenção.

Em resumo, a curta campanha de escavações efectuada entre 18 e 24 de Setembro de 1985 no povoado do Zambujal, apesar das dificuldades referidas pelo próprio responsável, tendo-se apenas trabalhado da parte da tarde umas escassas três a três horas e meia por dia, permitiu a identificação de um povoado com duas ocupações estratigraficamente distintas, uma do Neolítico Final, outra do Calcolítico Pleno, realidade que importa valorizar. A área intervencionada, à medida que a escavação ia progredindo, foi sendo delimitada em quadrados aproximadamente com cerca de 2 m de lado, por forma a conferir-lhe uma certa regularidade, tendo interessado apenas os Q1, 2, 3, 6, 7 e 8, conforme ilustra o esboço feito à mão pelo responsável dos trabalhos (Fig. 4).

Depois de concluídos os trabalhos de escavação a 24 de Setembro de 1985, Gustavo Marques regressou ao local a 26 de Outubro de 1985, tendo-se então concluído a limpeza do Q2, mormente nos intervalos dos afloramentos calcários que atapetavam o fundo daquele quadrado, e regularizado o Q5, tendo então sido encontrado “o pavimento do povoado superior”, isto é, do que deve corresponder à ocupação calcolítica. Confirmou-se a maior potência da estação arqueológica neste local, admitindo que se estaria “sobre o solo do exterior da casa”, ainda que não tivesse reconhecido quaisquer estruturas arqueológicas. No dia seguinte, ao escavar o canto SW do Q5, registou a sequência estratigráfica ali observada, que confirmava as anteriores, desenvolvendo-se o dito “chão do



povoado” directamente sobre camada argilosa de alteração dos calcários, de coloração amarela-esverdeada, que preenchia o espaço entre bancadas observadas na base da sequência, concluindo: “Portanto a camada arqueológica de 35 cm inclui todos os mat. e épocas de ocupação desta estação.”, conclusão que contraria as suas anteriores observações, que apontavam de forma insofismável no sentido de duas ocupações arqueológicas diferenciadas, com expressão estratigráfica e significado cultural, conferidos pela tipologia das produções cerâmicas. Assim, a sequência estratigráfica geral, estreitamente articulada com a sequência de carácter cronológico-cultural identificada com base na tipologia daqueles materiais, registada em diversos cortes executados por Gustavo Marques, e representada na Fig. 3, conduz à identificação das seguintes camadas, independentemente do local interessado pela escavação, as quais se podem descrever, de cima para baixo, do seguinte modo:

Camada 1 - entulhos de pedreira, constituídos por “cascalho” (termo utilizado por Gustavo Marques), resultantes do desmonte das bancadas calcárias (máximo de 70 cm de potência);

Camada 2 - correspondente às duas ocupações arqueológicas, com materiais modernos ou medievais na parte superior, do Calcolítico Pleno na parte média (representados pelas produções cerâmicas do grupo “folha de acácia”), às quais estaria associada a existência de um nível considerado como piso habitacional, apenas observado no Q5, e um outro do Neolítico Final na parte basal da camada, representado por um leito de argila batida, identificado em extensão

Fig. 5 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Vista actual, obtida da frente da pedreira reproduzida na Fig. 2, assinalando-se com uma seta a área explorada em Setembro de 1985. Foto de João Pinhal.

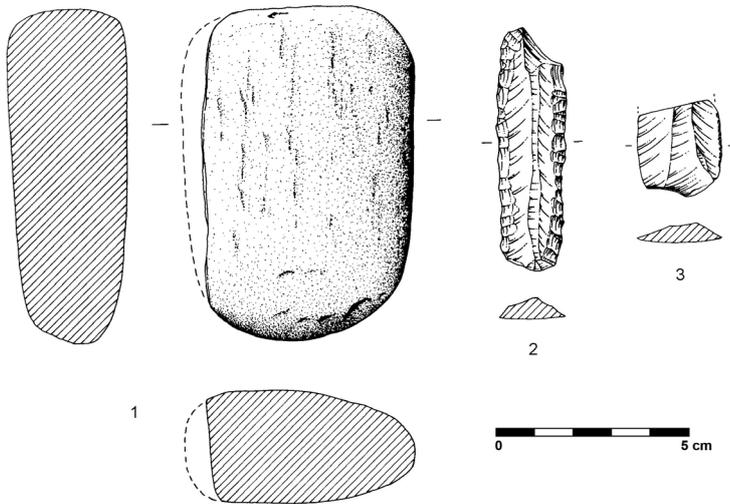


Fig. 6 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Indústrias líticas recolhidas à superfície.

(cerca de 30 cm de potência); Camada 3 - depósito geológico, argiloso, de coloração amarelo-esverdeada, ou avermelhada e mais grosseira, resultante, pelo menos em parte, da alteração dos calcários subjacentes (do Jurássico, “Lusitaniano” – J3), cujas bancadas, evidenciando processo de lapiás incipiente, ocupam a base da sequência estratigráfica.

4. Espólios

Parte dos espólios arqueológicos recolhidos à superfície em prospecções que antecederam a pequena campanha de escavações realizada em Setembro de 1985 não se conservaram entre os materiais ora estudados; em contrapartida, todos os que se recolheram à superfície como nas escavações, no decurso da realização destas, permaneceram em posse de Gustavo Marques, o que permitiu o seu estudo integral.

4.1. Indústrias líticas

A estranheza manifestada por Gustavo Marques, em diversas passagens dos seus registos de campo, pela escassez de indústrias líticas, carece de explicação, já que as terras da escavação foram integralmente crivadas; é provável que tal realidade se relacione com a natureza funcional do sítio, ou da área escavada do mesmo. À superfície, avulta a recolha de duas peças com sulco periférico transversal, ambas de rocha básica, por certo de origem próxima, que poderiam ter a função de pesos de rede,

à semelhança da funcionalidade proposta para as recolhidas em diversas estações da mesma época da Baixa Estremadura (Cardoso, 1996), entre as quais uma, de calcário, proveniente do povoado calcolítico muralhado do Outeiro Redondo, a cerca de 2 km de distância para ENE (Cardoso, 2009, Fig. 11, n.º 4). Entre os restantes materiais líticos de superfície que se observaram (Fig. 6), destaca-se um machado de anfibolito transformado em martelo, recolhido a 20 de Setembro de 1985, classificado por Gustavo Marques como sendo de “diorito verde”, com utilização intensa em ambas as extremidades, profundamente massacradas e boleadas, e duas lâminas de sílex, uma delas limitada à base, a outra quase completa, totalmente retocada em ambos os bordos laterais, recolhidas numa prospecção realizada por João Pinhal em Setembro de 1983, de acordo com o registo e o esboço de ambas, executado por Gustavo Marques (Fig. 6).

Os espólios líticos recolhidos nas escavações representam-se na Fig. 7.

Infelizmente, não existem referências quanto à profundidade da recolha, o que inviabiliza a sua integração em qualquer dos dois contextos identificados pela tipologia das produções cerâmicas. Trata-se de outro machado de anfibolito, incompleto e espalmado, reaproveitado em todo o perímetro como percutor — Gustavo Marques, que o reproduz em esboço, considera-o de “diorito verde” — e de um artefacto de corpo fusiforme e de secção semicircular, cuidadosamente polido, reduzido a cerca de metade, ostentando a extremidade conservada um bisel destinado a transformar o exemplar num formão ou goiva, também desenhado por Gustavo Marques, que o classifica como sendo de xisto, constituindo um raro artefacto de pedra polida. Um exemplar análogo, embora possua secção circular, provém da Camada 3 (Calcolítico Inicial) do povoado pré-histórico de Leceia (Cardoso, 1999–2000, Fig. 24, n.º 1).

4.2. Indústrias de osso afeijoado

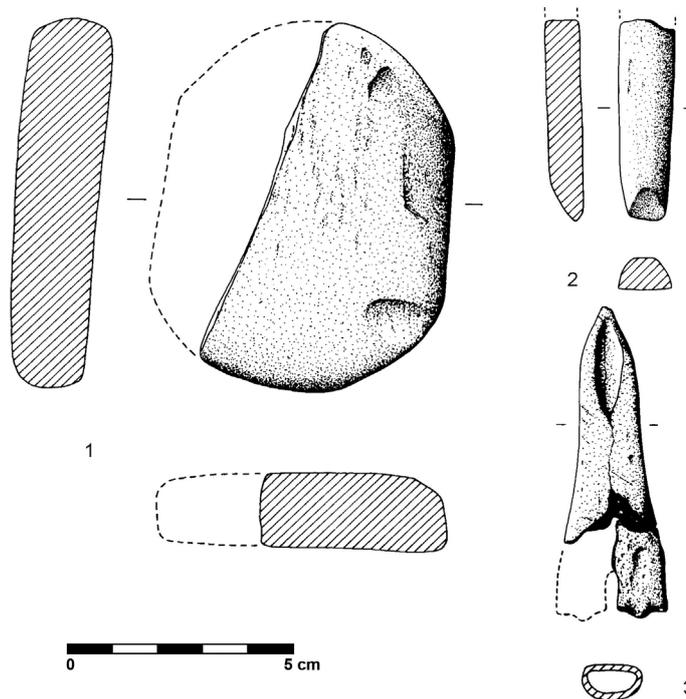
De osso, registou-se apenas um pequeno furador, executado na metade distal de um metápodo de ovelha ou cabra, por seccionamento oblíquo da respectiva diáfise. Trata-se de tipo muito frequente tanto no Neolítico como no Calcolítico da Baixa Estremadura (Cardoso, 2001/2002), também esboçado por Gustavo Marques (Fig. 7,

n.º 3). Do vizinho povoado do Outeiro Redondo, curiosamente, tanto entre os materiais exumados por Gustavo Marques (Cardoso, 2009) como entre os resultantes das escavações ali dirigidas pelo signatário (Cardoso, 2013), não se recolheu qualquer exemplar comparável.

4.3. Cerâmicas

4.3.1. Cerâmicas decoradas

Os materiais recolhidos à superfície antes e no decurso das escavações realizadas em Setembro de 1985 integram-se em diversos grupos, tanto pelas técnicas, como pelos padrões decorativos e tipologia dos recipientes. Assim, é possível atribuir as produções mais antigas ao Neolítico Antigo Evolucionado, representadas por dois fragmentos com decorações constituídas por punccionamentos oblíquos (Fig. 8, n.º 2 e 3), produções que não têm paralelo entre os materiais recuperados no decurso da escavação. Ao Neolítico Final pertencem diversos bordos denteados (Fig. 8, n.º 8 a 10), que corporizam a ocupação mais importante reconhecida através da escavação, a que se poderiam associar os fragmentos com decorações plásticas de mamilos sobre o bordo (Fig. 8, n.º 1). Enfim, o Calcolítico Pleno integra padrões característicos dessa época, como “folha de acácia”, variante “crucífera” obtida por impressão (Fig. 8, n.º 6) e os motivos reticulados incisos, aplicados a vasos globulares, cujos campos se encontram separados por caneluras mais ou menos profundas (Fig. 8, n.º 7). Desta forma, os escassos e pequenos fragmentos canelados poderiam integrar vasos deste ou de outra tipologia, acompanhando assim as produções características do Calcolítico Pleno (Fig. 8, n.ºs 4 e 5); embora possam corresponder a produções do Calcolítico Inicial da Estremadura, como os copos canelados, nada impede de situar estes escassíssimos fragmentos no Calcolítico Pleno, onde se sabe terem aqueles subsistido residualmente, como confirmam os resultados obtidos em Leceia, Oeiras (Cardoso, 2007). Maior relevância têm, naturalmente, as considerações sobre os materiais decorados recolhidos no decurso das escavações. No tocante aos recipientes denteados (Fig. 9), assinala-se a diversidade ilustrada pelas variantes identificadas, a ponto de dificilmente se encontrarem dois exemplares iguais, realidade que já tinha



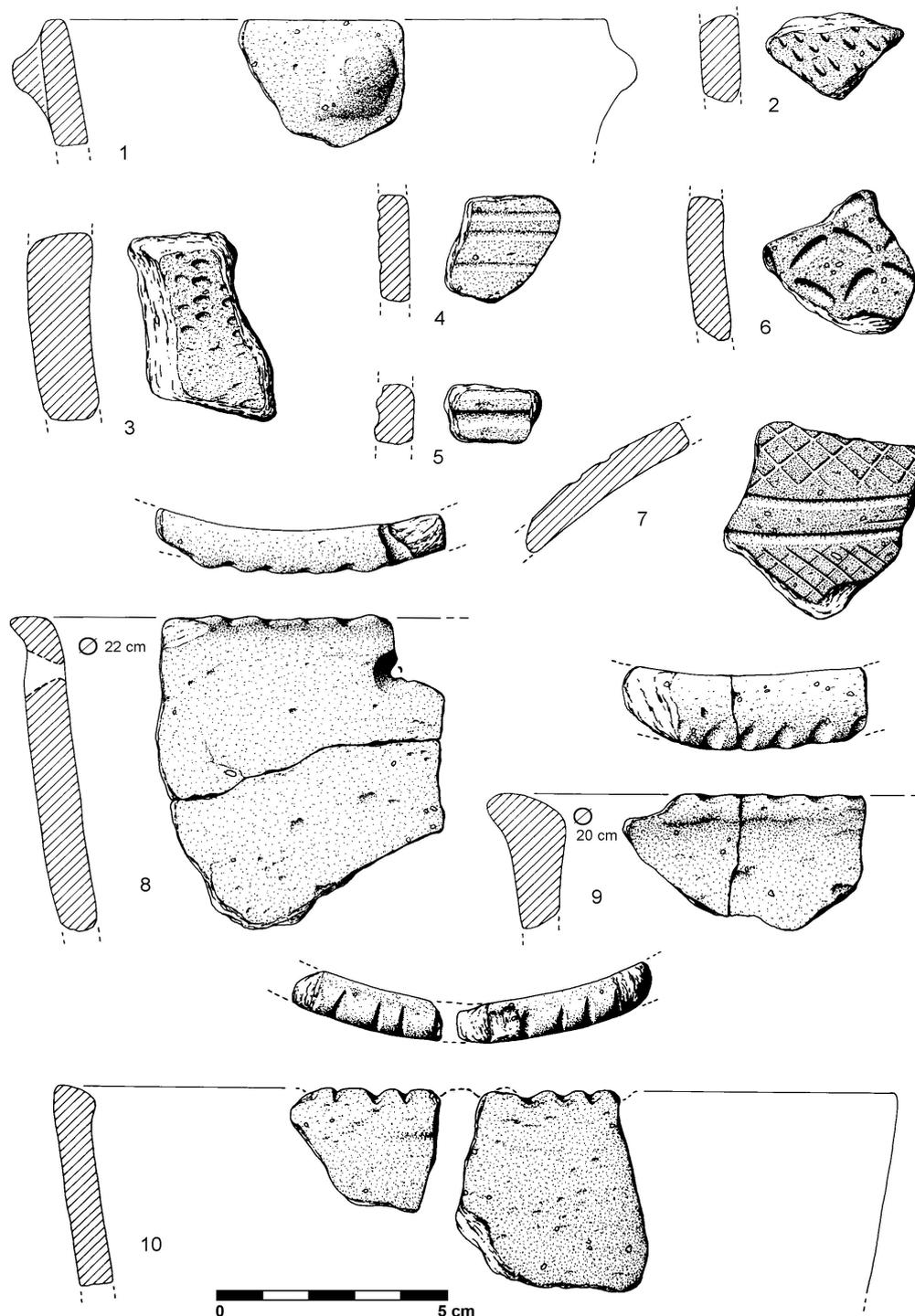
sido sublinhada aquando do estudo destas produções, que caracterizam a ocupação do Neolítico Final de Leceia, Oeiras (Cardoso, 2007). Estes exemplares, especialmente os que provêm do Q5 (Fig. 9, n.ºs 2 e 7), foram recolhidos, conforme certifica Gustavo Marques, em correlação com o piso de habitação identificado na base da camada arqueológica, pelo que se confirma a sua maior antiguidade estratigráfica relativamente aos exemplares com decorações do grupo “folha de acácia”, recolhidos em posição mais alta na referida camada, no quadrado em causa.

Justifica-se valorizar o fragmento de taça de bordo espessado levemente extrovertido, com lábio aplanado, decorado por linhas incisas paralelas (Fig. 9, n.º 4). Trata-se de exemplar raro, como desde logo foi sublinhado por Gustavo Marques, que declarou não conhecer nenhum termo de comparação. Com efeito, o único exemplar que se compulsou com estas características, provém, como parece ser o caso, de um contexto do Neolítico Final da Estremadura, tendo sido recolhido na camada basal de Leceia, Oeiras (Cardoso, 2007, Fig. 24, n.º 13), encontrando-se, ali como aqui, associado às abundantes produções de vasos de bordo denteado.

No respeitante às decorações do grupo “folha de acácia” recolhidas em escavação (Fig. 10), relevam-se, pelas razões acima expostas, aque-

Fig. 7 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Indústrias líticas e de osso recolhidas no decurso das escavações realizadas em Setembro de 1985. 1 - machado espalmado de anfibolito reutilizado como percutor (Q5); 2 - pequeno formão ou goiva incompleta, totalmente polida (Q7); 3 - furador obtido na metade distal de um metápedo de ovino-caprino (Q1).

Fig. 8 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas decoradas recolhidas à superfície, atribuíveis ao Neolítico Antigo, Neolítico Final e Calcolítico Pleno.



las que provêm do Q5 (Fig. 10, n.ºs 3, 6, 8 e 9). Para alguns destes exemplares, o testemunho de Gustavo Marques é claro quanto a provirem da parte mais alta da camada arqueológica, associada a um segundo pavimento, mais moderno que o identificado na base da referida camada. Nenhum dos exemplares

representados na Fig. 10, que correspondem, conjuntamente com os da Fig. 9, à totalidade do material cerâmico decorado recolhido na escavação, pode ser atribuído ao conjunto das cerâmicas caneladas do Calcolítico Inicial da Estremadura, salvo, eventualmente, o exemplar n.º 3 da Fig. 10, o qual aparenta algum

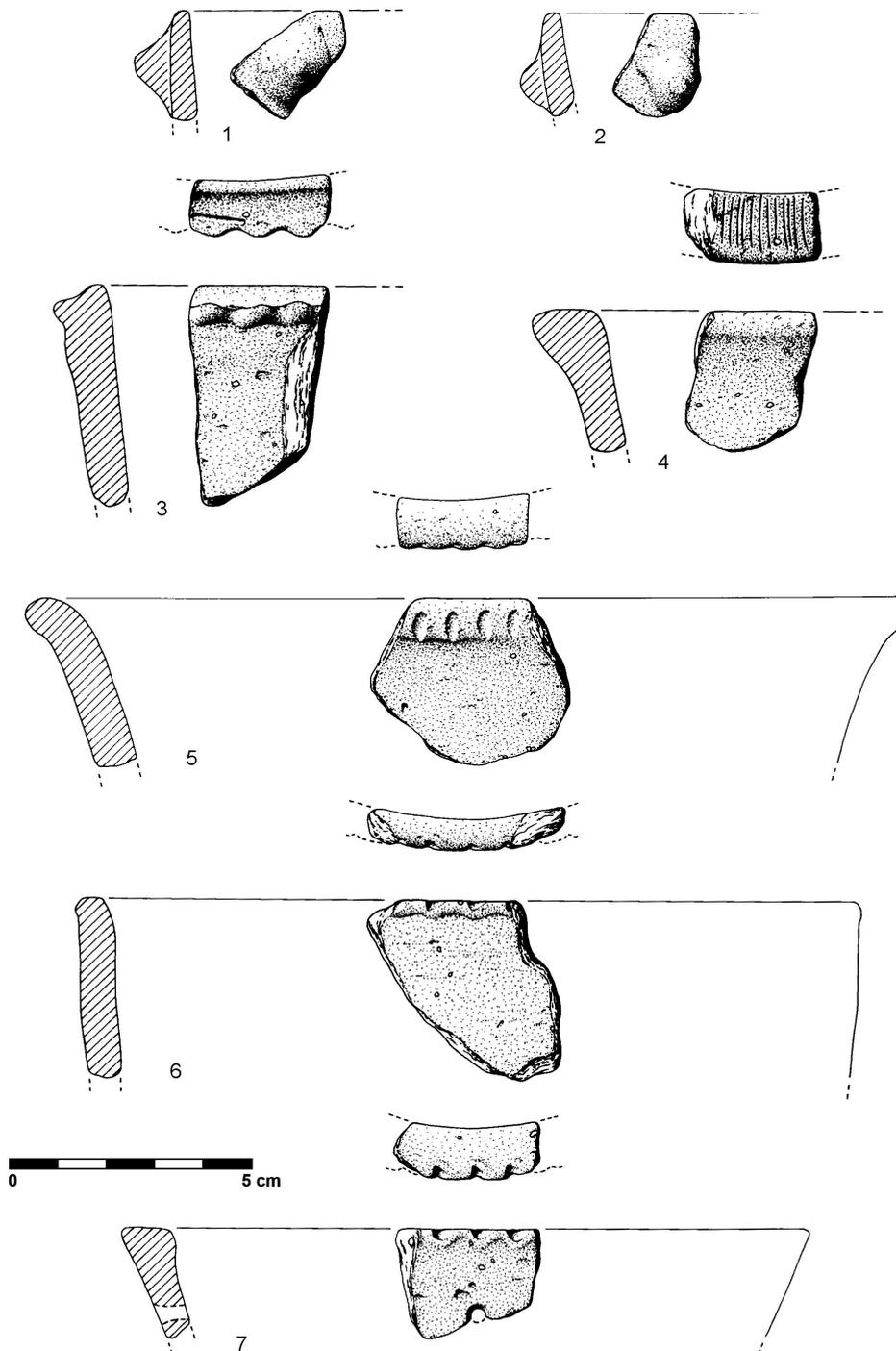


Fig. 9 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985.

1 e 2, bordos com decorações plásticas de mamilos, respectivamente do Q1 e Q5; 3 - vaso com cordão em relevo segmentado, conferindo-lhe aspecto denteado (Q2); 4 - vaso de bordo espessado e lábio aplanado, decorado com incisões paralelas (Q1); 5 a 7 - vasos de bordos denteados, respectivamente do Q2, Q2 e Q5.

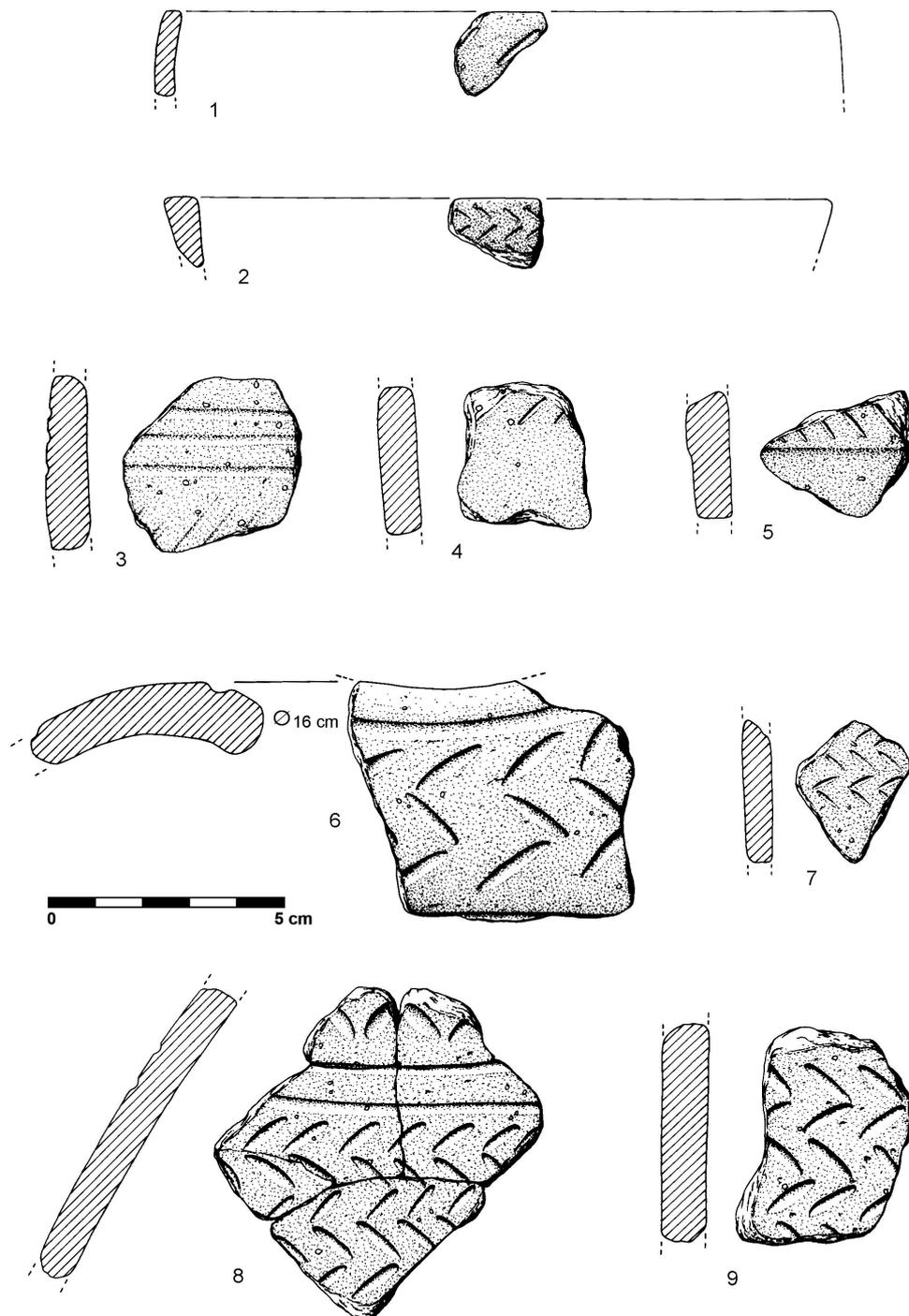
desgaste superficial, ao contrário dos restantes, podendo por isso ter sido transportado de outro lugar. Com efeito, a afirmação de que o Zambujal foi ocupado naquela fase cronológico-cultural apoia-se apenas num fragmento recolhido à superfície (Silva & Soares, 1986, Fig. 58, n.º 9), cuja presença não pode evidentemente ser valorizada, pois tais produções

prolongam-se, ainda que vestigialmente, pelo Calcolítico Pleno, como acima se disse.

De sublinhar a diversidade de formas de recipientes em que se identificou a aplicação do padrão em “folha de acácia” e motivos associados, que vão desde os pequenos globulares de bordo simples (Fig. 10, n.º 1), aos grandes vasos globulares de bordo reen-

Fig. 10 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985 pertencentes ao Calcolítico Pleno.

1 - pequeno esférico com decoração em “folha de acácia” (Q5)
 2 - taça em calote com decoração em “folha de acácia” (Q1);
 3 a 5 - fragmentos com decorações incisas e incisas/caneladas, respectivamente de Q5, Q8 e Q1;
 6 a 9 - fragmentos de vasos diversos com decorações em “folha de acácia”, pertencentes os n.º 6 e 8 a grandes esféricos, respectivamente de Q5, Q2, Q5 e Q5.



trante (Fig. 10, n.º 6), passando pelas taças em calote de bordo ligeiramente espessado (Fig. 10, n.º 2).

4.3.2. Cerâmicas lisas

A Fig. 14 elenca as formas lisas recolhidas no

decorso da escavação, tendo presente os quadrados nela impostos. De um total de 97 fragmentos com bordo, verifica-se que a maioria provém dos quadrados Q1 e Q2, os primeiros a serem escavados, explicando-se a menor quantidade observada no Q3, pelo facto de este quadrado não ter sido completamente explorado (Fig. 4). De uma forma geral, a distribuição

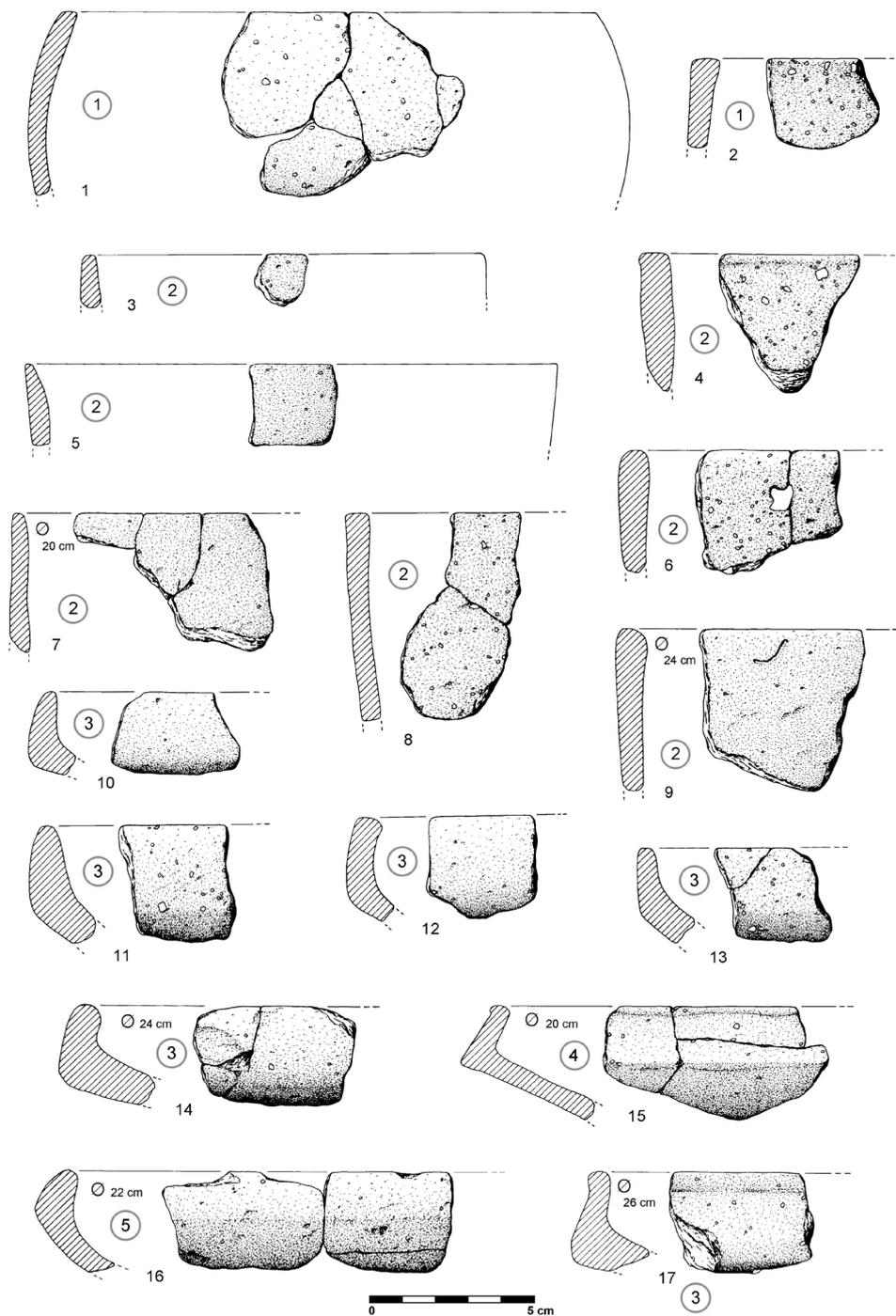


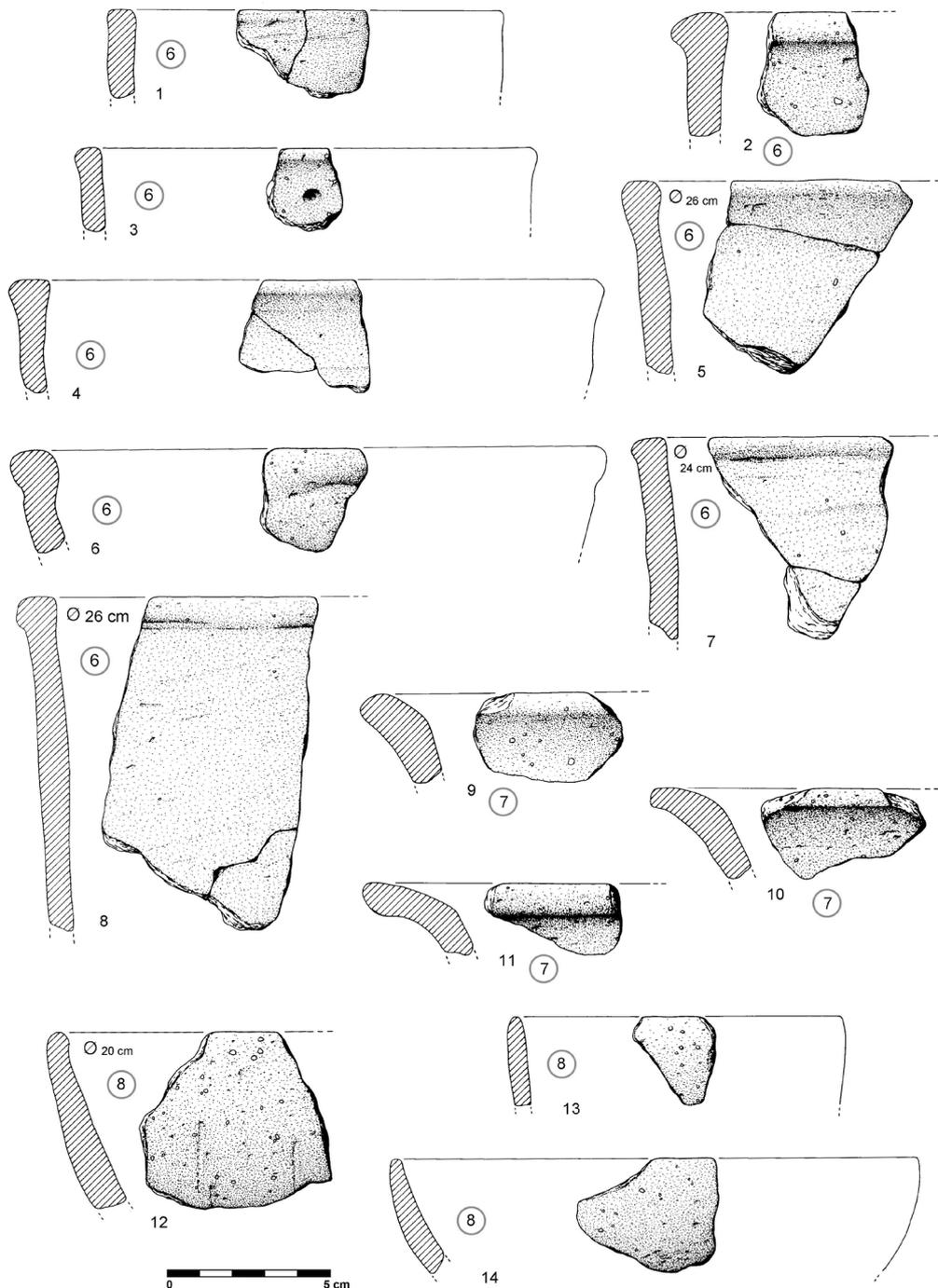
Fig. 11 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas lisas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985, pertencentes ao Neolítico Final e ao Calcolítico Pleno, agrupadas por tipologias. Origem dos exemplares:
 1 (Q1); 2 (Q7);
 3 (Q5); 4 (Q1);
 5 (Q7); 6 (Q1);
 7 (Q2); 8 (Q1);
 9 (Q7); 10 (Q5);
 11 (Q2); 12 (Q7);
 13 (Q1); 14 (Q1);
 15 (Q1); 16 (Q2);
 17 (Q1).

denota assinalável homogeneidade, compatível com a continuidade e regularidade da camada arqueológica identificada ao longo de toda a escavação. Infelizmente, como não foi efectuada a distinção entre os exemplares provenientes das partes superior e inferior da mesma, pertencentes, como acima ficou demonstrado, a épocas e fases culturais distintas, o conjunto foi tratado

como se fosse um só, tendo-se identificado nove formas distintas, devidamente indicadas nos exemplares representados nas Figs. 11 a 13, e sistematizadas na Fig. 14, a saber:

- 1 - Esféricos
- 2 - Vasos de paredes verticais
- 3 - Taças carenadas baixas
- 4 - Taças carenadas médias a altas

Fig. 12 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas lisas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985, pertencentes ao Neolítico Final e ao Calcolítico Pleno, agrupadas por tipologias. Origem dos exemplares:
 1 (Q5); 2 (Q3);
 3 (Q1);
 4 (Q1); 5 (Q5);
 6 (Q5); 7 (Q1);
 8 (Q5); 9 (Q2);
 10 (Q7); 11 (Q5);
 12 (Q5); 13 (Q5);
 14 (Q8).



- 5 - Taças de carena suave
 - 6 - Vasos de bordo espessado e lábio convexo
 - 7 - Vasos de bordo em aba
 - 8 - Taças em calote
 - 9 - Taças de bordo espessado e lábio convexo
- Este conjunto que, pelas razões apontadas, engloba formas de épocas distintas (Neolítico Final e Calcolítico Pleno), possui, não

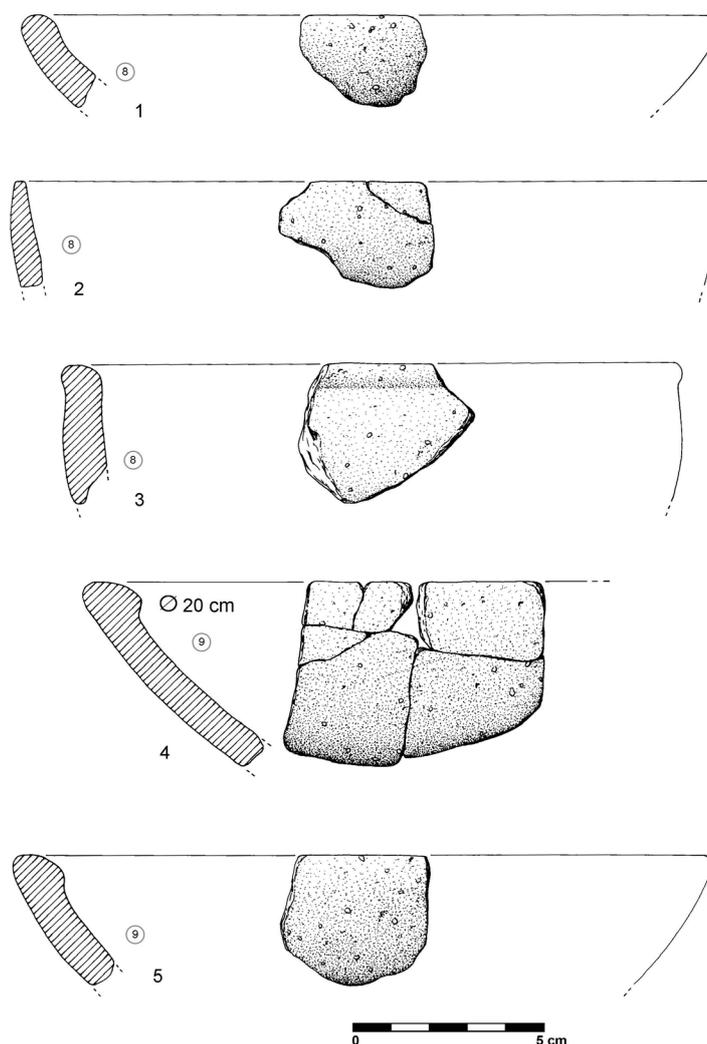
obstante, algumas que são características de um e outro daqueles períodos. Assim, do Neolítico Final são característicos os recipientes carenados (Formas 3, 4 e 5), em estreita associação com os vasos de bordo denteado, como ficou cabalmente demonstrado em Leceia, Oeiras (Cardoso, 2007). Os vasos de bordo em aba, que surgem no Neo-

lítico Final (Cardoso, Soares & Silva, 1996), onde se apresentam muitas vezes com decoração denteada, como se verifica em alguns exemplares do Zambujal, prolongam a sua presença pelo Calcolítico (Cardoso, Soares & Silva, 1983–1984).

Ao Calcolítico são especialmente de reportar as Formas 6 e 9, e indiferenciadamente ao Neolítico Final e ao Calcolítico as restantes formas identificadas. Deste modo, pode concluir-se que, também pela via analítica das formas lisas, se comprova a presença das duas fases cronológico-culturais evidenciadas através das produções cerâmicas decoradas.

5. Integração arqueológica da estação

Se bem que existam diversas estações denunciadas por ocorrências de materiais isolados nas vizinhanças da estação arqueológica em apreço, algumas delas identificadas por Gustavo Marques, a verdade é que as mesmas jamais foram objecto de trabalhos de escavação, permanecendo por confirmar a sua verdadeira importância, reduzida na actualidade, em geral, a escassos materiais de superfície pouco representativos (Ferreira & alii, 1993). Contudo, admitindo que a presença mais antiga remonta ao Neolítico Antigo Evolucionado, com base nos dois fragmentos decorados recolhidos à superfície acima referidos, tal teria paralelo na estação existente nas proximidades, em Fonte de Sesimbra, igualmente apenas evidenciada por recolhas superficiais, ainda que mais abundantes (Soares, Silva & Barros, 1979). A ocupação do Neolítico Final tem paralelo em diversas grutas sepulcrais da região, como a Lapa do Fumo (Serrão & Marques, 1971) e, um pouco mais distante, a lapa do Bugio (Cardoso, 1992), bem como em alguns povoados do sector oriental da serra da Arrábida, como o do Alto de São Francisco (Palmela) (Silva & Soares, 1986). Neste povoado, implantado no topo de cabeço pouco pronunciado, muito semelhante ao do Zambujal, recolheu-se associação de produções cerâmicas comparável à agora identificada (recipientes carenados, vasos de bordo denteado, decorações plásticas de mamilos), correspondendo a apenas uma ocupação. É provável que os seus habitantes tenham ulteriormente optado por deslocar-se para um sítio com melhores condições de



defesa existente nas imediações, como o espóro rochoso do Pedrão (Setúbal), com importante ocupação do início do Calcolítico Inicial (Soares & Silva, 1975). Esta possibilidade é, com efeito, sustentada pela situação observada no vale de ribeira de Barcarena, tributária da margem direita do estuário do Tejo. Ali se implanta o povoado aberto do Neolítico Final do Carrascal e, a cerca de 800 m para montante, na mesma encosta do vale, o povoado de Leceia (escavações em ambos os casos da responsabilidade do signatário). As datações obtidas para a camada basal de Leceia, do Neolítico Final, são comparáveis, mas tendencialmente mais modernas, das correspondentes ao Carrascal (ainda inéditas), que nessa época foi abandonado: nestes termos, é admissível que, no final do Neolítico Final, as populações que até então ocupavam o Carrascal, tenham optado por local com melhores condições de defesa, oferecidas pela exis-

Fig. 13 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Cerâmicas lisas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985, pertencentes ao Neolítico Final e ao Calcolítico Pleno, agrupadas por tipologias. Origem dos exemplares: 1 (Q2); 2 (Q7); 3 (Q2); 4 (Q1); 5 (Q1).

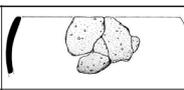
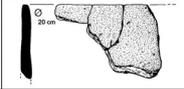
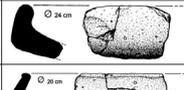
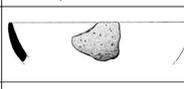
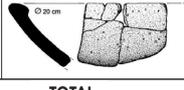
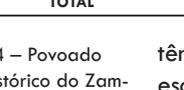
FORMAS	SECTORES INTERVENIONADOS						TOTAL
	Q1	Q2	Q3	Q5	Q7	Q8	
1 	1	1	—	1	3	2	8
2 	4	2	—	2	4	1	13
3 	4	1	—	2	1	2	10
4 	1	—	—	—	—	—	1
5 	1	1	—	—	1	—	3
6 	4	1	1	4	3	2	15
7 	—	5	—	2	3	2	12
8 	6	8	3	5	4	6	32
9 	2	1	—	—	—	—	3
TOTAL	23	20	4	16	19	15	97

Fig. 14 – Povoado pré-histórico do Zambujal. Tipologia das cerâmicas lisas recolhidas no decurso da escavação efectuada em Setembro de 1985, pertencentes ao Neolítico Final e ao Calcolítico Pleno e respectiva distribuição pela área escavada.

tência de uma plataforma formando esporão escarpado debruçado sobre o vale. Querendo transpor este modelo demográfico para a região de Sesimbra, é admissível que os habitantes do Zambujal tenham optado, no final do Neolítico Final, por ocupar o morro escarpado do Outeiro Redondo, fortificado no decurso do Calcolítico, como Leceia, por dispositivo defensivo muralhado. Com efeito, embora na área até agora escavada do Outeiro Redondo não se tenha ainda identificado nenhuma ocupação do Neolítico Final (Cardoso, 2010, 2012), a verdade é que no espólio ali recolhido por Gustavo Marques ocorre um bordo denteado característico (Cardoso, 2009, Fig. 18, n.º 1), o que pressupõe que o local tenha sido ocupado já naquela fase cronológico-cultural. A importância da ocupação humana verificada no Outeiro Redondo assume-se no Calcolítico Inicial, ao contrário do que se verificou no Zambujal, onde as evidências da presença humana naquela época são discutíveis, como vimos, concluindo-se que o morro em apreço estaria desocupado, pelo menos no sector escavado. Tal realidade encontra-se, igualmente, em conformidade com o modelo de povoamento vigente na Estremadura no decurso do Calcolítico Inicial, que corresponde a uma clara concentra-

ção da população em centros demográficos em regra instalados em sítios altos e defendidos por dispositivos muralhados mais ou menos extensos e complexos (Cardoso, 1997, 1998). Com o advento do Calcolítico Pleno, a que corresponde a emergência de novos estilos cerâmicos, observa-se tendência para a presença de populações de novo em espaços abertos, ou em altos desprovidos de fortificações pétreas, como é o caso do Zambujal, portadoras de cerâmicas campaniformes ou das suas contemporâneas decoradas pelo estilo local em “folha de acácia”, sem prejuízo das fortificações manterem a sua funcionalidade, pois algumas são mesmo edificadas nesta altura, como é o caso da recentemente escavada de Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), para além do Outeiro Redondo. Por outro lado, em alguns casos, a coexistência entre as produções cerâmicas decoradas de estilos locais (“folha de acácia”) e as campaniformes, no decurso de toda a segunda metade do III milénio a.C., é situação já conhecida na região de há muito, comprovada pela estratigrafia do povoado da Rotura, Setúbal, onde a presença de cerâmicas campaniformes foi assinalada, na parte mais alta da sequência, como coexistindo com as produções “folha de acácia” (Ferreira & Silva, 1970). Contudo, esta evidência não foi devidamente valorizada, pois só recentemente, quando a mesma se comprovou em outros sítios calcolíticos de altura e fortificados a norte do Tejo, como a Penha Verde, Sintra (Cardoso, 2010–2011) e a Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), é que se reuniram as condições para da mesma se retirarem as necessárias consequências. Falta, contudo, conhecê-la ainda em detalhe, pois carece de explicação o facto de, nalguns desses sítios, como o Outeiro Redondo, que se manteve ocupado ao longo de todo aquele intervalo de tempo (Cardoso, Soares & Martins, 2010–2011) ter permanecido praticamente fechado à presença de produções campaniformes, numa região em que tais produções se afiguravam, pela mesma época, muito abundantes, nos seus congéneres bem conhecidos, os povoados fortificados da Rotura, Setúbal (Gonçalves, 1971; Carreira, 1998) e de Chibanes, Palmela (Silva & Soares, 2012), bem como em praticamente todas as necrópoles calcolíticas da região. No caso do povoado do Zambujal, nada obstará a que, também nele, fossem encontradas cerâmicas cam-

paniformes, o que, no entanto, não sucedeu, por razões que se reportam à situação verificada no Outeiro Redondo.

6. Conclusões

O estudo ora efectuado permite valorizar as seguintes conclusões decorrentes das escavações realizadas no povoado pré-histórico do Zambujal em Setembro de 1985, sob a orientação de Gustavo Marques, as quais permaneciam totalmente inéditas:

1. No Neolítico Final, implantou-se no topo de outeiro alongado, à altitude de cerca de 182 m, um povoado pré-histórico, assente directamente no substrato geológico então aflorante, constituído por bancadas inclinadas de calcários do Jurássico (“Lusitaniano” – J3), cobertas por produtos resultantes da sua alteração, correspondendo a um lapíás incipiente. Esta primeira ocupação, ilustrada por vasos de bordo denteado e por taças carenadas, materiais cerâmicos típicos desta fase cronológico-cultural, encontra-se representada por um piso argiloso calcado, embora não tenha sido possível associá-lo a quaisquer estruturas arqueológicas;

2. Sobre esta primeira ocupação, que poderia situar-se entre toda a segunda metade do IV milénio a.C. e o primeiro século do milénio seguinte, assentou outra, do Calcolítico Pleno da Estremadura, a partir de meados do III milénio, podendo ter atingido o final do mesmo. Encontra-se denunciada por materiais cerâmicos do grupo “folha de acácia”, característicos desta nova fase cultural, e por outro piso de carácter habitacional, evidenciado apenas num sector restrito da área escavada (Q5). Tal como ante-

riormente, não foi possível identificar quaisquer estruturas arqueológicas a ela associadas.

3. Após o abandono do povoado, nos finais do III milénio a.C., e na superfície então constituída pelo topo da camada arqueológica, foram deixados materiais mais modernos, de épocas indiferenciadas, antecedendo a instalação de diversas pedreiras, responsáveis pelos entulhos acumulados sobre a camada arqueológica, resultantes da respectiva laboração, que se prolongou até à data da escavação arqueológica. Tais pedreiras produziram uma desfiguração quase completa da pequena elevação, subsistindo apenas um estreito istmo que permaneceu incólume entre as frentes desenvolvidas de ambos os lados do morro, que foi precisamente o local escolhido para a realização dos trabalhos arqueológicos.

4. O povoado do Zambujal revela grandes semelhanças com outros sítios, à escala regional, cuja ocupação se verificou no Neolítico Final, como é o caso do Alto de S. Francisco (Palmela). Tal como naquele sítio, é provável que a população se tenha deslocado, ainda no final do Neolítico Final, para outro local com melhores condições naturais de defesa, que no caso poderia ter sido o Outeiro Redondo, sítio que se viria a fortificar no decurso do Calcolítico Pleno, em resultado da instabilidade que caracterizou todo o III milénio a.C. na Estremadura. O local só volta a ser ocupado no decurso da segunda metade deste milénio, mas dele encontra-se ausente uma das mais características produções coevas da região, as cerâmicas campaniformes, realidade verificada também noutros povoados das vizinhanças, por razões ainda desconhecidas.

Agradecimentos

Ao então Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, por ter incentivado, primeiro, e depois autorizado, o estudo dos espólios recolhidos pelo Arq. Gustavo Marques e então depositados no Museu que dirigia, entre os quais os que agora se publicam.

Ao Sr. João Pinhal, da Câmara Municipal de Sesimbra, que prestavelmente forneceu as informações que lhe foram solicitadas.

Ao Dr. Filipe Martins, que se encarregou dos desenhos de materiais que ilustram este trabalho.

Bibliografia citada

- CARDOSO, João Luís (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9–10, pp. 89–225.
- CARDOSO, João Luís (1996) - Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 107–119.
- CARDOSO, João Luís (1997) - Génese, apogeu e declínio das fortificações calcólicas da Estremadura. *Zephyrus*. Salamanca. 50, pp. 249–261.
- CARDOSO, João Luís (1998) - O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a.C. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, pp. 97–110.
- CARDOSO, João Luís (1999–2000) - Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, pp. 241–323.
- CARDOSO, João Luís (2003) - A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, pp. 25–84.
- CARDOSO, João Luís (2007) - As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 9–276.
- CARDOSO, João Luís (2009) - Espólios do povoado calcólico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, pp. 73–114.
- CARDOSO, João Luís (2010) - O povoado calcólico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra): resultados das escavações efectuadas em 2005. In *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Colóquio Internacional (Cascais, 2005). Actas. Cascais: Câmara Municipal, pp. 97–129.
- CARDOSO, João Luís (2010–2011) - O povoado calcólico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, pp. 467–552.
- CARDOSO, João Luís (2012) - O povoado calcólico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados dos trabalhos realizados entre 2004 e 2008. In *Palmela arqueológica no contexto da região interestuarina Sado/Tejo*. Palmela: Câmara Municipal, pp. 47–63.
- CARDOSO, João Luís (2013) - O povoado calcólico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20 (no prelo).
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2010) - Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcólico muralhado. In *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Colóquio Internacional (Cascais, 2005). Actas (2010). Cascais: Câmara Municipal, pp. 65–95.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1983–1984) - O povoado calcólico de Leceia (Oeiras). 1.ª e 2.ª campanhas de escavação. *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 41–68.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 47–89.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge; MARTINS, José Manuel Matos (2010–2011) - Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcólica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, pp. 553–578.
- CARREIRA, Júlio Roque (1998) - A ocupação da Pré-História Recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3–4, pp. 123–213.
- FERREIRA, Carlos Jorge Alves; SILVA, Carlos Tavares da; LOURENÇO, Fernando Severino; SOUSA, Paula (1993) - *Património arqueológico do distrito de Setúbal: subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal: Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1970) - Acerca dos vasos globulares, com asas perfuradas e ornamentação em “falsa folha de acácia”. In *Primeiras Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, pp. 227–237.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; SILVA, Carlos Tavares da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, pp. 203–225.

GONÇALVES, Victor S. (1971) - *O Castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; MARQUES, Gustavo (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, pp. 121–142.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2012) - Castro de Chibanes (Palmela). Do terceiro milénio ao séc. I a.C. In *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado/Tejo*. Palmela: Câmara Municipal, pp. 47–63.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, pp. 53–173.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da; BARROS, Luís (1979) - Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, pp. 47–65.